

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/2018 - ANO XXII - Nº 259

EDITORIAL

A menos de dois meses das eleições gerais de outubro, o cenário político brasileiro é desanimador. A crise de representatividade por que passa o país mostra que o eleitor vem demonstrando pouco ou nenhum interesse pelo próximo pleito. Uma significativa parcela da população não sabe em quem votar, pois o que está aí é mais do mesmo. Muitos pensam em anular o voto, o que não é o ideal para a democracia, pois estaríamos elegendo um aventureiro qualquer. É grande a desesperança com o rumo que tomou a política nacional. Tão desgastada está a imagem do político, que poucos têm paciência para assistir aos debates eleitorais promovidos pelos meios de comunicação. Os temas a ser propostos e defendidos são os mesmos de anos passados. Falta criatividade. As promessas de campanha se repetem. Num país falido como o Brasil, como os candidatos pretendem executar essas promessas se, uma vez eleitos, terão que governar com um Legislativo fisiológico, que só atua em causa própria? A população está cansada de ser enganada e os tais debates funcionam como picadeiro de um circo em que os atores buscam ludibriar os incautos. A população tomou consciência do tamanho da diferença entre os discursos e promessas de campanha, sempre floreados, e a prática dos vencedores após a posse.

São necessárias mudanças imediatas! O modelo político atual está desgastado. O eleitor enxerga fraudes nas campanhas, privilégios, esquemas de caixas dois nos financiamentos e compra de votos. Isso desanima a sociedade. São necessárias mudanças estruturais. A reforma política em discussão é uma oportunidade para refundar as bases democráticas do país. Uma das opções seria o voto distrital misto. Nesse sistema vota-se em um partido e num candidato do distrito. Esse modelo aproxima o eleitor do seu candidato, permitindo a ele cobrá-lo mais de perto, além de reduzir o valor das campanhas.

Essa reforma não pode mais ser postergada para que possamos avançar no desenvolvimento e na geração de empregos, suprimindo as necessidades básicas da população. Se isso não acontecer, retrocederemos cada vez mais. Já chegamos ao fundo do poço.



Reprodução da internet

Ano após ano, desastres ambientais se repetem e crimes contra a natureza não são punidos. A natureza, porém, pune. Sem piedade, cobra seu preço, mas a um prazo muito longo: somente as futuras gerações irão conferir o saldo. Para salvarmos o planeta, a fórmula inclui a união de todos!

Tragédias anunciadas

Nas últimas décadas, cientistas de todo o mundo vêm debatendo os efeitos das mudanças climáticas no planeta. Negadas ou negligenciadas por governos, os extremos do clima e suas ações devastadoras estão cada vez mais presentes em diversas e extensas regiões. O homem se vê impotente frente à força da natureza. Assistimos, nos últimos anos, a invernos glaciais, com nevascas intensas em áreas temperadas, furacões acompanhados de maremotos devastadores ou ondas de calor com temperaturas recordes e incêndios fora de controle. Chuvas torrenciais que provocam inundações e deslizamentos de terra sepultam milhares de pessoas em diferentes regiões do planeta. Recentemente, assistimos pela TV a centenas de pessoas serem calcinadas tentando escapar de incêndios florestais na Grécia, em Portugal e na Espanha, sem que pudessem ser socorridas. A fúria da natureza é implacável e contra ela nada podemos. Para os que não acreditam que essas tragédias anunciadas são devidas às mudanças climáticas, é só analisar o último século para se verificar que o clima enlouqueceu.

Desde 1990, os cientistas alertam para os riscos do aquecimento global causado pela ação humana e buscam convencer governantes de todo o planeta a adotar medidas para enfrentar ou amenizar o fenômeno. No

entanto, os governos se fazem de surdos ou pensam que estarão imunes às mudanças climáticas e que soluções paliativas ou emergenciais serão suficientes para equacionar tão graves problemas.

Os desastres naturais vêm se agravando sem sensibilizar também a consciência universal em grau suficientemente forte para enviaar esforços no sentido de impedir a continuidade do processo de aquecimento da Terra. Ano após ano, esses desastres se repetem e a negligência da administração pública – federal, estadual, municipal – nos três poderes reflete o descaso para suas consequências. Os agravos ambientais se intensificam. A legislação ambiental não é cumprida. Os crimes contra a natureza não são punidos. A natureza, porém, pune. Sem piedade, cobra seu preço, mas a um prazo muito longo. Somente as futuras gerações irão conferir o saldo.

É preciso que a sociedade se mobilize e se empenhe em ações efetivas para reduzir a emissão de gases do efeito estufa que contribuem para o aumento da temperatura na Terra. Controle de queimadas, redução da emissão de gases como o carbônico (CO₂), reciclagem de lixo, revegetação de encostas são boas medidas a serem adotadas por qualquer comunidade. Só a união de todos poderá salvar o planeta!

Imagem - Memória



Foto Arquivo Pro-Memória

Pe. João Guimarães, ao centro, em missa celebrada na Igreja Matriz de São Miguel Arcanjo, por ocasião do centenário da Paróquia de São Miguel

Pe. João Guimarães, o primeiro pároco residente de Piquete

Foi um momento de grande emoção para os católicos piquetenses quando, na noite do dia 3 de fevereiro de 1934, o padre João Marcondes Guimarães assumiu a Paróquia de São Miguel. Veio para administrá-la, uma vez que, havia muito tempo, se encontrava sem padre residente.

Nos arredores do hotel de Dona Maria Eufrásia, junto à Praça Marechal Mallet, onde ele se hospedara, aproximadamente duas mil pessoas se reuniram. Conduziriam-no, mais tarde, em procissão até a Igreja Matriz para a cerimônia de posse. Na qualidade de delegado do bispo diocesano de Taubaté, Dom Epaminondas Nunes D'Ávila e Silva, o padre Arthur de Moura, vigário da Paróquia de Lorena, que por duas décadas assistira os piquetenses, leu a provisão que nomeava o padre João Guimarães vigário de Piquete. Cumpru-se um cerimonial em que foi assinada uma ata pelos dois sacerdotes e pelas testemunhas: Salviano Pinto de Souza, Manoel Vieira dos Reis, José Vieira Soares, Luiz Arantes Júnior e Herculano Gonçalves. A matriz estava toda enfeitada. O coro, sob a regência de Carlos Vieira Soares e com Dona Maria Eufrásia ao órgão, foi impecável. A homilia do novo padre foi ouvida atentamente. Jovem, inteligente, muito calmo, cativou a todos. Com suas palavras, ganhou, de imediato, o coração dos paroquianos.

Logo, o novo vigário identificou os anseios e aspirações dos piquetenses, havia tempos sem um guia espiritual.

João Marcondes Guimarães nasceu em Guaratinguetá, em 4 de maio de 1904. Trabalhou como auxiliar de professor na Escola Normal de Guaratinguetá, em 1924. Em 1930 entrou para o Seminário Diocesano de Taubaté, onde estudou Teologia com Dom

Epaminondas, primeiro bispo da primeira diocese valeparaibana. No dia 16 de abril de 1933, foi ordenado padre na catedral de Taubaté. Logo assumiu a paróquia de São Miguel, em Piquete, indicado após sucessivos pedidos dos piquetenses ao bispo diocesano. Piquete carecia, havia décadas, de um padre fixo. Daí sua nomeação para o município. Foi uma escolha acertada. O jovem sacerdote, recebido por estrondosa manifestação, recebeu uma difícil tarefa, mas começou a trabalhar de imediato e, em pouco tempo, superou os obstáculos. Atraía cada vez mais pessoas para a Igreja. Logo promoveu uma semana eucarística, com a ajuda do padre Ascânio Brandão.

A vinda do padre João motivou a população, generosa e entusiasmada com o novo pároco, a fazer doações para a Paróquia: dos herdeiros de Elisa Bittencourt Ribeiro, um terreno para a construção de uma Casa Paroquial; do comerciante Thomé Seraphim, duas imagens – uma do Senhor Morto e uma de N.S. das Dores. Desde que a Paróquia havia sido criada, em 1888, pela primeira vez se promovia a Semana Santa, que foi assistida por número excepcional de fiéis. Via Sacra, beijamento do Senhor Morto e Procissão do Enterro acompanhada pela Euterpe Piquetense provocaram grande comoção. O sermão sobre a Paixão e Morte de Nosso Senhor foi o ponto alto da cerimônia.

Incansável, Pe. João organizou a Congregação Mariana e, no dia 3 de junho, à tarde, com o encerramento do Mês de Maria, na Praça João Pessoa, aconteceu o lançamento e a bênção da pedra fundamental da Casa Paroquial. Reorganizou a Conferência Vicentina, instalou a Cruzada Eucarística e promoveu a Páscoa dos Operários – que se

tornou tradição por décadas. Com o padre João o movimento religioso se intensificou. Instalou o Conselho Vicentino e reorganizou o Apostolado da Oração. Em dezembro inaugurou a sede da Congregação Mariana, junto à Casa Paroquial, ainda em obras. Em pouco mais de um ano levantou e dinamizou a Paróquia de São Miguel.

Para tristeza dos paroquianos, no início de 1935 Pe. João Guimarães foi transferido para a cidade de Bananal. Em 2 de fevereiro daquele ano, foi nomeado para substituí-lo outro jovem e dinâmico pároco – Oswaldo Bindão. Mais tarde, voltou para sua terra natal, Guaratinguetá. Em 1941, atuou como diretor do Seminário de Taubaté e, em 1944, transferiu-se para São José dos Campos. Naquela cidade, juntamente com o padre Rodolfo Komorek, atuou no combate à tuberculose no sanatório Vicentina Aranha. O mesmo dinamismo evidenciado em Piquete apresentou-se em toda sua vida, especialmente em São José dos Campos, onde se tornou muito querido, pelo fato de estar sempre próximo dos pobres e excluídos. Na tarde de domingo do dia 17 de outubro de 1993 faleceu o padre João Guimarães, com 89 anos, sessenta deles dedicado ao ministério sacerdotal, sendo 49 vividos em São José dos Campos.

Apesar de ter permanecido apenas um ano à frente da igreja de São Miguel, em Piquete, nunca se esqueceu de sua primeira paróquia, nem das inúmeras amizades que fez por aqui. Sua presença era constante nas festas de São Miguel. Quando, em 1988, se comemorou o centenário da Paróquia, fez questão de participar, ocasião em que recebeu o título de Cidadão Piquetense, justa homenagem da municipalidade.

GENTE DA CIDADE

Celso Torino

Sua paixão pelo futebol é desmedida. Respira o esporte bretão as vinte e quatro horas do dia. Pelo Esporte Clube Estrela, do qual foi jogador, a paixão é ainda maior. É um dos maiores entusiastas do Leão do Norte, como era conhecido o Estrela, de Piquete – tem sempre uma passagem histórica ou pitoresca para contar sobre seu time do coração. No Estrela atuou como goleiro. Atuou como poucos na arte de trancar o gol contra as investidas da zaga adversária. Suas características físicas o ajudaram a fazer belas defesas. Possuía grande flexibilidade, coordenação, agilidade e velocidade de reação, além de equilíbrio e impulsão. Muito técnico, destacou-se pela habilidade com as mãos, além do passe, do remate, da queda e do rolamento. Jogador disciplinado, era admirado pela tática com a reposição rápida, a colocação e a saída de bola, a armação das jogadas, tanto com os pés quanto com as mãos. Seu entrosamento com a defesa, a iniciativa, a tranquilidade, a concentração, a atenção, a liderança e a coragem o tornavam referência do esquadrão e da torcida estrelina nas décadas de 1960 e 1970.

Foi mais do que um “guarda-redes” ou “guardião do gol”. Sua paixão pelo futebol veio da infância em São José do Barreiro, cidade do Vale Histórico onde nasceu em 13 de agosto de 1938, filho de Nestor Torino e Alda Moutella Torino, que têm mais dois filhos. Tendo concluído o curso primário em sua terra natal, Celso e os irmãos, foram enviados pelos pais para morar com a avó, em Taubaté, para dar continuidade aos estudos. Foi nessa cidade que viu crescer sua atração pelo futebol. Aos 13 anos iniciou como jogador no Juvenil do Vasquinho, de Taubaté. No ano seguinte, transferiu-se para o Comercial, tido, então, como trampolim para o Juvenil do Esporte Clube Taubaté. Em 1957, conseguiu realizar o sonho de vestir a camisa do “Burro da Central”. Foi visto atuando por Maurílio Meirelles, olheiro do Esporte Clube Estrela, que o convidou para fazer um teste no time de Piquete. Seu desempenho agradou ao técnico, Alcides Villar, que o convidou para se incorporar ao esquadrão estrelino. Foi, então, contratado para trabalhar na Fábrica Presidente Vargas. Ingressou no Almoxarifado da FPV no dia 8 de junho de 1961, conforme documentação daquela empresa.



No Estrela, foi bem recebido pelos companheiros de equipe: Giba, Daniel, Goulart, Barbará, Ivan, Ely, Ailton, Silvinho, Mário, Ivo, Didi, Nei, Ilto, Pingo e outros, que foram chegando e com os quais jogou por cerca de doze anos – tempo em que atuou defendendo a camisa do Estrela.

Conversar com Celso Torino é recordar os anos entre 1959 e 1975, período em que o time disputava a segunda e a terceira divisões do Campeonato Paulista. Cita grandes partidas, que se tornaram célebres. A memória vai longe. Os fios entrelaçados são simbólicos, cheios de vida, momentos de alegrias de grandes jogos e grandes defesas, mas também de frustrações e “momentos dos quais nem é bom lembrar”, afirma.

Em Piquete, desde que chegou fez grandes amizades. Encantou-se com a cidade. Conta que conheceu a professora Suely Brito Villar no dia em que chegou. Encantou-se por ela. Descobriu, então, que era uma das filhas do técnico do time e passou a se empenhar ainda mais nos jogos para impressionar o futuro sogro. Após três anos de namoro, casaram-se em 1964. Constituiu família e fixou raízes em solo piquetense. Celso e Suely tiveram um casal de filhos, que lhes deram quatro netos, orgulho dos avós corujas. Aposentado da FPV desde 1985, passou a colaborar com clubes de serviço de Piquete.

Em 1977, quando do encerramento das atividades profissionais do Estrela, então na quarta divisão do campeonato paulista, Celso já não mais atuava. A paixão pelo futebol, porém, fez com que continuasse a acompanhar o futebol amador de Piquete, o que faz com o entusiasmo de sempre até os dias de hoje.

A escola e os grupos de WhatsApp das famílias

Laura Chaves

Há algumas décadas, as famílias conversavam e trocavam informações no portão da escola. Hoje, a realidade é outra. Munidas de recursos tecnológicos, as famílias utilizam especialmente o aplicativo *WhatsApp*.

A entrada nesses grupos é quase inevitável. Mas, se por um lado o uso consciente dessa ferramenta potencializa a construção de boas relações, por outro o uso inadequado pode gerar conflitos, constrangimentos e exposições.

Esses grupos, a exemplo do que acontecia no portão das escolas, possibilitam que as famílias troquem informações sobre o dia a dia da escola: eventos, programas, faltas, doenças, entre outras coisas.

Os estudos sobre o assunto revelam que a rapidez no repasse das informações, reconhecida como um valor, muitas vezes, é responsável pela superficialidade da divulgação. O tempo do *WhatsApp* é quase imediato e pode nos levar a juízos superficiais. Por exemplo, uma situação específica ocorrido com um estudante, antes mesmo de ser dialogada com a escola é exposta nos grupos, ganhando uma proporção muito maior e, por vezes, equivocada.

Além disso, tem-se observado que alguns pais estão prejudicando o desenvolvimento da autonomia e responsabilidade dos estudantes quando solicitam as anotações que os filhos não realizaram na escola: tarefas, provas e trabalhos. Mas ainda há algo mais grave: há famílias que compartilham a resolução de exercícios e outras atividades. Agindo assim, as famílias roubam dos filhos a oportunidade de aprenderem e serem protagonistas de sua própria história.

Por fim, como instância educadora formal, a escola tem mais esse desafio, de colaborar com a formação das famílias e dos estudantes no sentido de tirarem o melhor proveito das tecnologias e aplicativos, sem perder de vista a formação qualificada dos estudantes / filhos.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

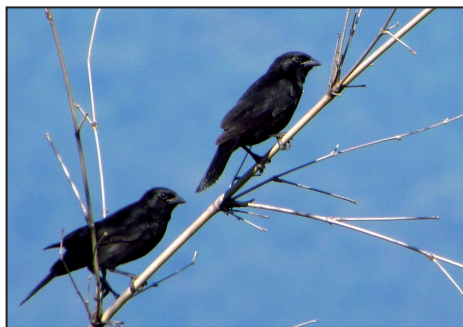
Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Equipe campeã da 2ª Divisão de 1961: Mário, Ivo, Cotinho, Giba, Goulart, Ney, Didi, Daniel e Celso Torino. Geninho, Barbará, Ely, Ivan, Ilto e Pingo



Foto Arquivo Pró-Memória



Biodiversidade: riqueza do Brasil

O Brasil é um dos países mais ricos em biodiversidade, ou seja, tem o maior número de formas de vida do planeta, tanto de flora, quanto de fauna. Em nosso território encontramos desde os microorganismos até grandes mamíferos e árvores gigantes. No entanto, estamos perdendo dia a dia esse patrimônio. A acelerada destruição dos diferentes ecossistemas tem levado à extinção de muitas espécies, sem que possamos estudar e conhecer seu verdadeiro potencial.

Para a maioria dos pesquisadores, é na natureza que se encontra a cura para grande parte das doenças. Cresce, portanto, nossa responsabilidade em preservar nossa biodiversidade para o presente e para as futuras gerações.

Dentre os biomas de maior risco de destruição encontra-se a Mata Atlântica, da qual restam apenas 7% da cobertura original do Brasil quando da época do descobrimento.

Nós, piquetenses, temos a responsabilidade de proteger a Serra da Mantiqueira, que ainda preserva significativos fragmentos desse bioma. A FPPV é guardiã de um fragmento dessa mata que é considerado verdadeiro santuário por muitos especialistas. Seu isolamento estratégico preservou inúmeras espécies raras já desaparecidas em outros lugares.

Conscientizar a população, principalmente a escolar, da importância de se preservar a Mata Atlântica e as encostas mantiqueiras é uma necessidade premente de todo cidadão. Iniciativas preservacionistas devem partir de toda a sociedade. Para o cumprimento da legislação vigente que protege as Áreas de Preservação Permanente (APA), é fundamental a elaboração de projetos de educação ambiental que apontem a importância da preservação e recuperação de encostas, topos de morros e matas ciliares, exemplos de APPs. A natureza agradece.

Entre a casca do Coco e a casca mundo

Vamos tratar do equilíbrio. Todos já devem ter visto um coco aberto em duas metades. Cada metade forma uma calota como uma pequena cuia. Quando colocamos uma bolinha de gude no centro dessa cuia, ela fica no fundo. Se a puxamos para a borda, ela torna ao fundo. Está em equilíbrio estável. Não importa quantas vezes a puxemos, ela sempre retorna para a posição no fundo da cuia. Se pegamos a mesma bolinha e a colocamos sobre o tampo de uma mesa, ela fica lá. Se a movemos para outro ponto, ela se conforma com esse ponto. Temos absoluto controle de colocá-la onde quisermos e ela lá ficará. A esse equilíbrio chamamos de indiferente. Mas retornemos à nossa metade do coco: se colocamos a cuia de boca para baixo e sobre ela colocarmos nossa bolinha, ela cairá para algum lado. Você pode se perguntar para qual lado. Não sabemos! Depende muito de fatores microscópicos para que ela vá para um lado ou outro. Às vezes ela fica ali parada. Mas basta algo minúsculo acontecer e lá se vai a bolinha. A esse equilíbrio chamamos de instável. Não temos quase nenhum controle sobre ele, pois não temos conhecimento absoluto sobre o que o provoca. Isso é uma situação que denominamos de caótica. Nesse mundo em que vivemos, o planeta se encontra numa situação como essa em que uma bolinha está sobre a cúpula da metade do coco. Não conseguimos controlar o movimento da bolinha ambiental, da climática ou qualquer outra. Não temos conhecimento profundo para dizer para que lado nossa bolinha cairá. Mas sabemos as consequências de sua queda, pois desenvolvemos modelos em computadores para nos dizer o que acontecerá. E o

que eles nos dizem é assustador. Nós, seres humanos, atuamos durante séculos ferindo de morte este planeta chamado Terra. No início, não tínhamos controle sobre ele e a bolinha da saúde planetária sempre voltava ao centro do coco da estabilidade. O planeta nos dominava. Depois, com nossas ações científicas, industriais e tecnológicas, aprendemos a retirar a bolinha do coco e a manipulá-la por sobre a mesa. Aprendemos a dominar o planeta. Até que, em algum momento, descontroladamente, viramos o coco. Perdemos o controle da bolinha. A natureza deu o troco e estamos numa queda de braços sobre quem domina quem. Notadamente temos perdido. Cada passo nosso na direção errada torna essa cúpula mais pontuda e o equilíbrio ainda mais instável. Todos sabemos que a queima de combustível fóssil, o desmatamento, a queima das florestas e de toda biomassa, o consumo altíssimo de carne bovina e tantas outras ações irresponsáveis colocam mais um risco nesse tênue equilíbrio. Sabemos que, em algum momento, a bolinha da sanidade planetária irá cair e sofreremos consequências terríveis. Todos nós. Acreditamo-nos seres fortíssimos, inteligentíssimos, inatingíveis e nos damos todo tipo de adjetivos fantásticos. Mas, pelo contrário. Não somos nada disso! Lendo o livro “No Ar Rarefeito”, de John Krakauer, sobre as fatídicas expedições ao Everest de 1996, passei um tempo refletindo sobre nossa pequenez e vulnerabilidade. Ao subir o Everest, passa-se de 8.000 metros, a chamada zona da morte. Nela não se pode ficar mais do que algumas horas, mesmo com cilindro de oxigênio. Apenas 8 Km acima de onde pisamos e morremos por falta de ar

ou por excesso de radiação solar. O planeta tem 12.756 Km de diâmetro e só sobrevive-mos em alguns lugares com não mais que 6 Km de altura. Dependemos de uma tênue casquinha sobre a superfície dessa esfera que chamamos de Terra. E nessa casquinha precisamos de uma temperatura suportável, que varia menos de 100 graus entre a máxima e a mínima, que atenda a nossa demanda biológica de oxigênio (DBO) e ar limpo pelo menos a cada 3 minutos, água potável uma vez a cada 3 dias e alimento ao menos a cada 3 semanas. Sem isso, não somos nada. Teimosamente, entretanto, insistimos em tornar o equilíbrio mais e mais instável. No meu entender, já ultrapassamos muito o PONR (point of no returning), o ponto sem volta. Estamos vivendo nessa corda bamba e não mudamos nossos hábitos. Atônitos, cegos ou sem saber, esperamos o momento em que um evento desconhecido, talvez pequeno, venha a rolar nossa bolinha e causar nossa destruição. Seja ela parcial ou total. Não adianta dizer que Mr. Trump, os conservadores, os políticos, os gananciosos capitalistas ou os estúpidos socialistas nada fazem se nós nada fizermos. Somos atores reais, ativos. Queiramos ou não. E também não podemos ouvir políticos dizerem que apoiam desmatadores ou agricultores e empresários que agem contra o meio ambiente e aceitar calados. Ou pior: os escolher para que sejam nossos líderes. Temos tudo a ver com isso e o futuro da humanidade depende do que você fizer, do que nós fizermos. O tempo de fazer não é amanhã. Você deve começar já a fazer sua parte. Mude! Mudemos!

Luiz Flávio Rodrigues

O toque do corneteiro desconhecido cortou o silêncio da noite brasileira

Sempre abominei a guerra. Um soldado que, dentro de uma trincheira, vê o companheiro ser partido em cinco pedaços por uma bomba jamais poderá encarar a vida com tranquilidade.

Que sente um assassino quando o noticiário revela que uma promissora pesquisa de grande valia para a humanidade foi interrompida apenas para ter consigo uma bicicleta?

Que leva alguém a interromper o sonho de um jovem trabalhador por um par de tênis e o de um jovem estudante por um celular?

Que revela um Armistício ou uma Conferência de Paz?

Perdas, destruição.

Uma cidade poderá ser reconstruída, mas quem reconstruirá a vida de um ser humano?

O absurdo dos absurdos é o homicídio na família.

A mulher vai à Polícia ou à Vara da Família e afirma não haver mais possibilidade de convivência com o marido.

O Oficial de Justiça entrega ao marido um documento exigindo que ele se afaste da própria casa.

Cria-se uma situação de precariedade – se o cidadão brasileiro mal consegue manter sua casa, como poderá mantê-la e manter-se fora dela?

E, se quiser manifestar-se, vai ter de fazê-lo através de um advogado.

Por que motivo a solução do problema não é da responsabilidade da Assistência Social? Por que marido e mulher e parentes interessados não são chamados a comparecer diante de uma Assistente Social Homem e uma Assistente Social Mulher para que se

encaminhe com calma uma solução conciliatória?

Um fato interessante ocorre na vida das Nações. As monarquias, que antes costumavam ser absolutistas, se constitucionalizaram e não causam preocupação.

Atualmente uns autodeclarados intocáveis compram as Forças Armadas e destroem a Nação.

E os Organismos Internacionais são incolores, inodoros e insípidos. Só vivem exigindo verbas e nada fazem em benefício da Paz Mundial!

É hora de parar para pensar.

Se não mudar, o Corneteiro Desconhecido continuará cortando o silêncio da noite brasileira e da noite mundial avisando: a violência está atuando, um ser humano deixou de existir.

Abigayl Lea da Silva

22 de agosto, Dia do Folclore

Em 22 de agosto, o Brasil comemora o “Dia do Folclore”. A data foi criada em 1965, por meio de um decreto federal. No estado de São Paulo, um decreto instituiu agosto como o “Mês do Folclore”.

Folclore é o conjunto de todas as tradições, lendas e crenças de um país. Ele pode ser percebido na alimentação, linguagem, artesanato, religiosidade e indumentária de uma nação.

Segundo a Carta do Folclore Brasileiro, aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, constituem fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pelas tradições populares ou pela imitação. Podemos não nos dar conta, mas o folclore faz parte de nosso cotidiano.

O folclore é o modo que um povo tem para compreender o mundo em que vive. Conhecendo o folclore de um país, podemos compreender seu povo. E assim conhecemos, ao mesmo tempo, parte de sua história. Mas, para que certo costume seja realmente considerado folclore – dizem os estudiosos – é preciso que este seja praticado por gran-

de número de pessoas e que tenha origem anônima. O folclore brasileiro é um dos mais ricos do mundo. Isso se deve à contribuição das três raças formadoras de nosso povo: o índio, o branco e o negro.

Em Piquete, diferentes manifestações folclóricas podem ser encontradas e a valorização desse patrimônio é sinal de enriquecimento e desenvolvimento cultural. Preservar essas tradições é reforçar nossos laços de cidadania. No entanto, esse rico folclore carece de melhor valorização e divulgação: primeiro, dentro do próprio município e, depois, na região.

São poucas as cidades valeparaibanas em que o tropeirismo ainda faz parte do dia a dia da zona rural; os bois de carnaval também são exclusividade piquetense – podem até ser encontrados em outras cidades, mas não com a quantidade e as características daqui. Outras formas de expressão são a Congada, a Folia de Reis, o Jongo, esse último tombado pelo IPHAM (Instituto do Patrimônio Histórico e Ambiental) como Patrimônio Imaterial do Sudeste, sendo encontrado em poucas cidades valeparaibanas.



Fotos Arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

Ser jovem é para quem sabe...

Palmyro Masiero

No domingo consagrado pelo comércio como o Dia dos Pais fui cumprimentar um senhor no início das derradeiras décadas para atingir um centenário e que fora muito amigo de meu pai. Como este há muito nos deixou, minhas homenagens do dia foram para o citado acima, a quem estava devendo uma visita de anos e que sempre protelara. A data veio atualizar minhas obrigações sociais, sempre relegadas com justificativas.

Fiquei deveras impressionado com sua lucidez, suas rápidas respostas a qualquer coisa que exigisse raciocínio, sua sutileza e alto grau de bom humor. Tomava seus aperitivos como um jovem e, como estes, possuía uma mobilidade extraordinária. Era tão interessante, que minha visita, que pretendia apenas atender a uma obrigação (pensei que fosse ser a maior chatice), demorou-se por mais de três horas.

O moço de oitenta e dois anos falava do ontem, do hoje e prospectava o amanhã com tal coerência e conhecimento de causa, deixando a impressão de que ele vivera intensamente todos os seus instantes, acompanhara todas as mudanças ocorridas por esta orbe meio bagunçada e continuava participando da vida como personagem de destaque atuante e não como simples coadjuvante ou mero espectador. Tranquilamente ele passou do lampião de gás à eletricidade, do gramofone à televisão, da sela aos jatos... Sem qualquer surpresa ou indignação. Adaptara-se a quaisquer tipos de mudanças, inclusive nos aspectos sociais e da moda. Um cara, como dizem os jovens, realmente “pra frente!”.

Contou-me das transas que ele e meu pai aprontaram pelas quebradas do mundaréu, como diria o Plínio Marcos... Fiquei sabendo cada uma do meu coroa que se minha mãe, que também já se foi desta, soubesse, colocaria, sem nenhuma dúvida, o velho sentado um dia inteiro em cima de um formigueiro,

lambuzado de mel!

O meu visitado confidenciou-me que quase todas as tardes ia dar um passeio pelos supermercados para admirar as belezas desfilarem. Isso com um arzinho maroto nos lábios, cujo rosto era encimado por cabelos tão branquinhos que provocavam nuances de um azulado bem clarinho. Gozei o velhinho interiormente: “Que adianta isso?”. Parece ter lido meu pensamento, pois foi logo justificando:

– Imagino o que você deve estar concluindo... Que minhas paqueras podem ser equiparadas a alguém que, de prancha às costas, fosse praticar surf... numa piscina! Mas meu jovem, só de olhar e relembrar, alimento, e muito, meu espírito. Beleza não precisa absolutamente ser consumida para ter valor, deve ser também admirada. Principalmente esta obra-prima que é a mulher!

Diante de tais argumentos, ditos por quem foi, nada mais havia a falar ou imaginar de minha parte sobre o assunto. Como me demorei muito em sua casa, a noite chegou e com ela também uma avalanche de filhos e filhas, noras e genros, netos e netas, bisnetos e bisnetas... Uma turma pra deixar qualquer orçamento cair pro zero absoluto! Todos com presentes às mãos (objetivo do comércio atingido), abraços, beijos e cantorias para o pai, bipai e tripai!

Manquei-me! Estava sobrando naquele ambiente agora estritamente familiar e fui tratando de me arrancar. Despedi-me e à saída comentei, sinceramente:

– O senhor tem uma descendência maravilhosa!

– É, respondeu, e ao meu ouvido cochichou: mas tem uns pilantrinhas jovens aí na turma que estão me tirando fora do sério.

– Em que sentido?

– Estão me tratando como se eu já fosse um antepassado!

Brasil, um país de desigualdades

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Uma das oficinas de que participei no XX Encontro Nacional dos Comitês de Bacias Hidrográficas tinha como tema Água e Comunicação. Foi discutido, entre outros assuntos, o foco dado à ativação das redes sociais por parte dos órgãos públicos. Viava-se a estimular ações que reforçassem o processo de mobilização relacionado à gestão sustentável dos recursos hídricos.

No início da apresentação do jovem André Tamura, diretor da WeGov (Espaço de aprendizado que dissemina a cultura da inovação no setor público), o coordenador da oficina perguntou aos presentes quem tinha conta do Twitter, uma rede social. Quase todos responderam que sim.

Ao final da apresentação de André Tamura, um senhor se inscreveu para as perguntas. Num Português muito bem elaborado, apresentou-se como um dos que respondeu não ao questionamento sobre o Twitter. Explicou que era morador de uma favela – “não comunidade, favela mesmo”, destacou – no Rio de Janeiro, analfabeto e que não tinha telefone celular, muito menos um smartphone e, por consequência, não tinha conta no Twitter. “Não porque não queira, mas porque não tenho como comprar um telefone com capacidade para essas redes e tampouco para manter o acesso à internet”, completou.

O palestrante e muitos daquele auditório ficaram pasmos. Após o impacto inicial, tentou-se argumentar com a democratização em andamento do acesso a smartphones e à internet. “Choveram no molhado”, concluí. Pra mim, aquele senhor comprova o que já havia evidenciado em outras situações e também uma pesquisa do IBGE do início de 2018, que, entre outros resultados, aponta que 43,6% das pessoas com nenhum grau de escolaridade possuíam um aparelho em 2016. A realidade brasileira está muito distante do acesso universal não apenas à água de qualidade, à educação e à internet, mas ao esgotamento sanitário, ao prato de comida diário, à saúde, à segurança...

Somos, sim, um país indescritivelmente desigual! E enquanto não sairmos da zona de conforto de nossa sala com TV que acessa à internet e canais pagos a fim de nos solidarizarmos com os menos (muito menos, fique claro!) favorecidos, nossa sociedade tende a piorar.

Enquanto acreditarmos nas propagandas políticas, nas ações de marketing de todos os governos, haverá muitos outros senhores como o que conheci em Florianópolis! Não há paz numa sociedade desigual e a consequência são conflitos sociais.

Nosso Brasil é injusto! E somos hipócritas ao fechar os olhos e acreditar que só existem os 56,4% que detêm smartphones e acessam o twitter!

Nas eleições de outubro, têm acesso aos programas de governo dos candidatos esses 56,4%. Pensamos nos demais brasileiros que não o têm. Votamos por nós, mas temos influência direta na vida de todos os brasileiros. Deixemos de lado nosso conforto e nos solidarizemos com todos! Votar com consciência cidadã é um primeiro passo para iniciarmos uma caminhada rumo a um país um pouco mais democrático.

Inverno - Dynamos - Forja

*O manto do inverno
cobriu os cristais do Marins
em oficinas de granitos rudes
facetados pelos martelos
das águas congeladas
no alongado das madrugadas.
Rendilham-se nas pedras
os fâceis das clivagens ásperas.*



Dóli de Castro Ferreira

Por Santos e pecadores, a história do Povo de Deus

Gosto muito de fazer visitas aos idosos. Gasto tempo a ouvir seus relatos, que não tardarão a dissolver-se no silêncio e no nada. Aos 94 anos, Dona Maria Aparecida tem lucidez invejável. Dentre muitas histórias sobre a Revolução de 1932, da qual teve, segundo ela, a desgracia de participar quando menina, narrou-me algo muito bonito. Havia na cidade uma cafetina muito católica – suas raparigas descansavam aos domingos e, juntamente com ela, algumas iam às missas. É verdade que não se sentiam muito bem acolhidas na Igreja. Não era raro que ficassem apenas à porta e dali partissem antes de o povo sair.

Passados muitos anos da Revolução, a velha cafetina, ainda na ativa, procurou ser atendida pelo vigário. Foi bem recebida. Disse a ele que tinha promessa a cumprir, pois, durante a guerra, havia pedido duas graças à Virgem Maria: primeiro, que não deixasse que os soldados que costumavam ir à sua casa de meninas se ferissem; depois, que suas meninas não passassem fome, já que muitos clientes haviam fugido da cidade por causa do conflito. Dizia ela, convicta,

ter alcançado as duas graças. Por conta disso, fez uma generosa doação: fez vir da capital uma imagem do Senhor Ressuscitado, para as procissões da Semana Santa. Desde então essa imagem é conduzida pelos fiéis, em andor decorado, no cortejo da madrugada do domingo de Páscoa, à luz das velas e ao som de alegres cantigas pascais.

Esse relato pôs-me a pensar no sacerdote que recebeu essa doação. Que grandeza de alma! Recebeu a imagem e a colocou para a veneração dos fiéis. Que alegria isso deve ter proporcionado ao coração da cafetina! Ela era da vida, mas tinha muita fé em Deus, concluiu Dona Maria.

Essas coisas não são estranhas à história do Povo de Deus. Na Bíblia também as prostitutas fazem parte das narrativas conservadas na memória das pessoas. Recordo-me de Raab, a prostituta de Jericó. No segundo capítulo do livro de Josué, lemos que, ao se aproximar da Terra Prometida, Josué enviou dois espiões para examinarem a cidade. Eles foram pernoitar na casa da prostituta Raab. O Rei de Jericó foi avisado de que espiões de Israel estariam infiltrados no meio de seu

povo – estavam com Raab. O Rei mandou dizer a ela que fizesse sair os homens de Israel que se encontravam em sua casa, pois tinham vindo espionar a cidade.

Raab os escondeu e disse aos emissários do Rei que, de fato, eles haviam passado por lá, mas, como as portas da cidade estavam para se fechar, partiram antes da chegada da noite. Depois disso ela acrescentou: Persigam-nos rapidamente e os encontrarão! Os homens do Rei partiram em perseguição, enquanto os espiões permaneciam em segurança no terraço da casa de Raab, entre os feixes de linho por ela arrumados.

A acolhida e a mentira da prostituta Raab salvaram os Israelitas da morte e ajudaram o Povo de Deus em sua empreitada de conquista da Terra. Quem entende os desígnios de Deus?

A história do povo da Bíblia, como a nossa história, não é escrita e construída apenas pelos santos e puros. Há também os feitos dos pecadores e das prostitutas. Acho isso muito bonito, um mistério da misericórdia divina, um povo de santos e pecadores. **Pe. Fabrício Beckmann**

Fundação Christiano Rosa no XX ENCOB

A Fundação Christiano Rosa, membro do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul (CBH-PS), participou do XX ENCOB (Encontro Nacional de Comitês de Bacias Hidrográficas), que aconteceu em Florianópolis, Santa Catarina, entre os dias 20 e 24 de agosto. O tema de 2018 foi: “O futuro da água: desafio dos Comitês na terceira década da Lei das Águas”.

Organizado pelo Fórum Nacional de Comitês de Bacias Hidrográficas, o ENCOB acontece anualmente e é uma oportunidade para a integração e troca de experiências entre os Comitês de Bacias e a promoção de parcerias visando à gestão participativa e compartilhada entre todos os componentes do Sistema de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SINGREH) do Brasil.

A cerimônia oficial de abertura do evento contou com a presença do Ministro do Meio Ambiente, Edson Duarte, e da diretora presidente da Agência Nacional das Águas (ANA), Christianne Dias Ferreira, o prefeito de Florianópolis, Gean Loureiro, além de outras autoridades de Santa Catarina e de diferentes estados, entre outros. Como sempre, mereceu destaque a presença dos usuários, especial-

mente os pequenos, e a sociedade civil.

Nos cinco dias do Encontro, aconteceram reuniões e fóruns dos participantes, todos com a finalidade de articulação e elaboração de moções a serem apresentadas ao colegiado coordenador, visando à melhoria contínua dos resultados de cada edição do ENCOB. A FCR fez-se presente em oficinas diárias e também na plenária do dia 24 de agosto. Temas diversos foram discutidos. Destaque para “Inovação”, foco de uma das mesas de diálogos. Evidenciou-se que a inovação no setor público envolve elementos menos diretos e objetivos do que a promovida no setor privado, em que prevalece o retorno direto dos investimentos. Para a inovação no setor público, fatores como retorno social e ganhos para a sociedade precisam se fazer presentes. Mais detalhes da programação, bem como o material das apresentações podem ser encontrados no site do evento (<https://www.encob.org>).

A Fundação Christiano Rosa, representada pelo engenheiro químico Laurentino Gonçalves Dias Jr., compareceu ao evento patrocinado pelo CBH-PS, no qual é uma das representantes da sociedade civil do estado de São Paulo.



Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Turismo de observação de aves

A observação de aves é uma atividade que pode ser realizada por qualquer pessoas – de crianças a idosos, em grupos ou individualmente. Possibilita contato direto com a natureza, beneficiando o corpo e a mente, sem exigir grande esforço físico. Como as aves ocorrem em praticamente todos os ambientes, podem ser observadas tanto em praças e jardins dentro da cidade, como em áreas mais isoladas e preservadas, como a região da Mantiqueira, uma APA (Área de Preservação Ambiental) federal que corta o município de Piquete.

Observar aves é uma atividade que garante um aprendizado constante, de forma que, quanto mais espécies um observador aprende a identificar, mais habilidoso e com senso de percepção apurado ele ficará para novas observações. Assim, sempre há a possibilidade de observações de espécies ainda não conhecidas, raras ou de beleza única, tornando a atividade extremamente dinâmica e recompensadora. A observação de aves também é uma excelente oportunidade para interagir com outras pessoas, fazer novos amigos, intensificar relações interpessoais e compartilhar o conhecimento. Em Piquete, observa-se, cada vez mais, a presença de diferentes espécies de pássaros. Com seus cantos e plumagens multicores, são deleite para os olhos e ouvidos. É um privilégio poder acordar com o canto de sabiás, canários-da-terra, bem-te-vis, coleirinhas, tico-ticos, maritacas, com o grasnar de tucanos e o arrulhar das rolinhas.

Para os amantes da natureza, um binóculo e uma máquina fotográfica são instrumentos básicos para se captar imagens inesquecíveis de diferentes espécies de aves.

Em Piquete, o número é crescente de novas espécies mesmo às margens dos ribeirões, onde, apesar da falta de mata ciliar e das águas poluídas, se observam garças, socós, frangos d’água. Vez ou outra, surge uma espécie desconhecida, que assanha a curiosidade entre os observadores.

Parece que os passarinhos estão perdendo o medo da presença humana. Cada vez mais, se aproximam das casas e quintais. Se no passado era comum mantê-los aprisionados em gaiolas – crime ambiental inafiançável –, hoje os jovens estão mais interessados em celulares e outros equipamentos eletrônicos, deixando a passarinhada em paz.

A observação de aves cresce em todo o mundo. Piquete poderia se tornar um centro desse ramo do turismo, pois sua localização geográfica concorre para isso. A Serra da Mantiqueira, com diferentes ecossistemas, e o significativo fragmento de Mata Atlântica preservada pela FPV/IMBEL, são verdadeiros berçários. Refúgio da vida silvestre que guarda preciosidades que se aventuram a dar uma volta pelo entorno dessa região, podendo ser contempladas.

A cidade, se bem planejada e adaptada para tal atividade, tornar-se-ia um polo atrativo para ornitólogos. Se houver, por parte de nossas autoridades, empenho na busca de parcerias e na recomposição de áreas degradadas com espécies vegetação da Mata Atlântica, com certeza o número de aves aumentaria. Enriquecer o ambiente com plantas nativas tornaria Piquete o paraíso das aves! Um ambiente hospitaleiro traria ainda mais pássaros, pois haveria alimento, abrigo e lugar de nidificação.



Fotos Arquivo Pro-Memória